

## UM MERGULHO AO “BANTUÍSMO”: A REDUPLICAÇÃO VERBAL DE RADICAIS DE ESTRUTURA DO TIPO –C- E PARCIAL NA LÍNGUA NYUNGWE.

Leonildo Inácio Viagem<sup>1</sup>

(Universidade Católica de Moçambique, Província Tete.)

### Resumo

O presente artigo cujo tema é Um Mergulho ao “Bantuísmo”: A Reduplicação verbal de Radicais de estrutura do tipo –c- e parcial na língua Nyungwe, aborda aspectos da Reduplicação verbal nesta língua e tem como objectivo fazer a descrição da reduplicação verbal na língua Nyungwe, trabalhando com estruturas de radicais de tipo –c- e parciais, no seu aspecto morfofonológico e semântico com vista a contribuir para a compreensão deste fenómeno na língua.

### Introdução

É prática secular na esfola de cabrito que se comece sempre pelas patas e se termine na cabeça. As patas simbolizam, neste breve mas debuxo, a ligação do espírito à

---

<sup>1</sup> Actualmente Professor do Instituto Médio de Geologia e Minas de Moatize, Província de Tete, Moçambique. Leonildo Inácio Viagem é licenciado em Linguística e Literatura pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane sediada em Maputo-Moçambique. Docente de Linguística Descritiva de Português, na Universidade Católica de Moçambique – Centro de Ensino à Distância, Delegação de Tete. (cell: 258 824313480; email: leoviagem@yahoo.com.br)

terra, ao material, como condição de o espírito poder planar sem espartilhos de qualquer espécie por todas as latitudes. Deste modo iniciamos o nosso mergulho ao “bantuismo” com alguns aspectos da língua Nyungwe.

As línguas Africanas foram classificadas em 1963 em quatro grandes famílias: afro asiática, Nilo- Sahariana, Congo-kordofaniana e a khoisan.

A família Congo-cordofaniana é constituída por duas sub-famílias : a Níger-Congo e a Kordofaniana. A sub-família Níger-Congo por sua vez, é constituída por sete grupos de línguas entre os quais se encontra o das línguas bantu; que nos interessa porque a língua Nyungwe pertence a este grupo linguístico.

De acordo com Guthrie (1967:7) citado por Ngunga (2004:47), as línguas bantu de Moçambique distribuem-se por quatro zonas diferentes, a saber G, P, N, S ( de Norte a Sul). Seguindo ainda a classificação de Guthrie existem oito grupos linguísticos em Moçambique e a língua Nyungwe pertence ao grupo N40 com a codificação de N43. Segundo Ngunga (2000) citado por Viagem (2008:2) o cinyungwe é basicamente falado na província de Tete nos distritos de Moatize, Changara, Cidade de Tete, Cahora-Bassa e partes de Marávia. Estudos recentes revelam que existem comunidades falantes desta língua no Malawi, Zimbabwe e Zâmbia.

Esta língua apresenta como variantes ou dialectos o Cidema e Citonga, contudo as variantes faladas na cidade de Tete, Changara e Moatize são tidas como a referência ou o cinyungwe padrão.

### **Conceito de Morfologia**

Este conceito é definido por Azuaga (1996) citado por Faria et al, como parte da linguística cujo objectivo de estudo é a palavra, sua estrutura interna, organização dos seus constituintes e o modo como essa estrutura reflecte a sua relação com outras palavras. Ideia semelhante é expressa por Luft ( 1986) quando afirma que a

Morfologia se ocupa do sistema morfológico da língua, aspecto formal das palavras (estrutura, formação), aspecto semântico, categorias gramaticais e flexão.

A morfologia subdivide-se em Derivacional e Flexional. A morfologia derivacional se ocupa da criação de novas unidades lexicais, e de acordo com Spencer (1991:9), a morfologia derivacional é “ a criação de novas palavras a partir das antigas. Tipicamente a derivação conduz à mudança da categoria sintáctica da base”, enquanto que a morfologia flexional é uma variante de uma mesma palavra e não causa a mudança da categoria sintáctica da base, Spencer ( ibd). Esta morfologia se preocupa com a condução dos processos de formação de novas formas da mesma palavra através de mecanismos de afixação. Contudo nem sempre há unanimidade na classificação dos processos flexional e derivacional, pois, os processos que numa língua são classificados como flexionais, noutra língua podem ser vistos como derivacionais Katamba (1993). Quer o primeiro, como o segundo processos dão origem a novas palavras semanticamente diferentes da sua raiz.

### **Conceito de Verbo**

De acordo com Ngunga (2004:147) esta unidade lexical existe em todas as línguas humanas e “serve para relatar factos, acções, descrever estados, seres e situações”.  
Atentemos aos exemplos abaixo.

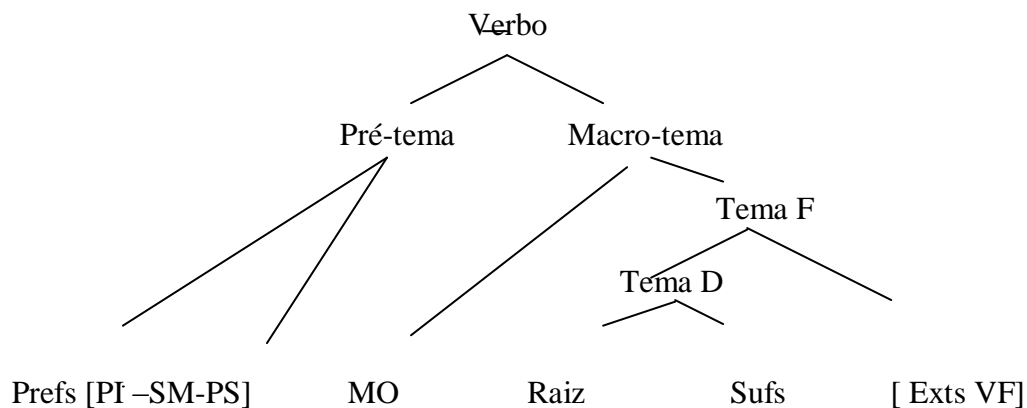
(1) Kugona ‘ dormir’

Kuima	‘ parar’
Kukalipa	‘ zangar’
Kulira	‘ chorar’

Nos dois primeiros exemplos, temos a representação de acções e nos dois últimos temos a representação de estados e situações.

### A estrutura do verbo das línguas bantu

Como a nossa base de estudo é o verbo, vimos ser imperioso apresentar e explicar os conceitos relacionados, assim como a sua estrutura. A estrutura do verbo que iremos apresentar é das línguas bantu.



Onde: Tema F: Tema flexionado; Tema D: Tema derivado; MS: Marca de Sujeito; PS: Pós sujeito; PI: Pré-inicial; MO: Marca de Objecto; Exts: Extensões ( verbais); VF: Vogal final ou Vogal terminal.

Na estrutura acima, constatamos que os verbos são constituídos por pequenas unidades de significação (morfemas), e dentre os quais a raiz.

### **Conceito de Raiz**

De acordo com Xavier e Mateus (1992:321) citados por Ngunga (2004:149) denomina-se raiz verbal o “constituente da palavra que tem o significado básico e não inclui sufixos derivacionais ou flexionais”. Mais ainda Bauer (1988) citado por Ngunga (ibid) define raiz verbal como a “parte da palavra que se mantém inalterada quando todos os afixos flexionais ou derivacionais forem retirados”. Observe-se os exemplos.

- (2) - famb- ‘andar, caminhar’  
-b- ‘roubar’  
-lir- ‘chorar’  
-teng- ‘levar’

Como se vê nos exemplos acima apresentados, estas raízes verbais, não apresentam os sufixos derivacionais e flexionais.

### **Conceito de Radical**

De acordo com Ngunga (2004:152) radical de uma palavra é o “núcleo desprovido de afixos flexionais, ou seja, é o constituinte da palavra que contém o significado lexical

e não inclui afixos de flexão, mas pode incluir afixos derivacionais”. Ainda Ngunga (ibid), citando Mateus et al afirma que “ nas palavras derivadas, o radical da palavra primitiva constitui, com o sufixo derivacional, um novo radical” o radical derivado.

Assim, podemos ter dois tipos de radicais que são, radicais derivados e radicais não derivados. Os radicais não derivados são aqueles “aos quais não estão adicionados quaisquer morfemas derivacionais.

- (3) a. -hkala ‘sentar’  
-famba ‘andar, caminhar’  
-zunga ‘passear’
- b. -pingan- ‘rasteirar-se’ cf -ping- ‘rasteirar’  
-nyan’gan- ‘procurar-se’ cf -nyan’gan- ‘procurar’

Os exemplos mencionados em 2 a, são radicais não derivados e os exemplos em 2 b, são radicais derivados que são formados com a adição de sufixos derivacionais, apresentados a negrito.

“ Estes radicais podem ter estruturas de diferentes tipos, como por exemplo: -C-, -CVC-, -CVCVC- ou ter estruturas mais longas” Ngunga (2004:153).

### Conceito de tema

Tema verbal é “a parte do verbo que inclui, para além do radical, também os sufixos flexionais” Ngunga (2004). Também pode se afirmar que “ao radical acrescido de vogal temática se dá o nome de tema Luft (1986).

### **Conceito de Vogal Final**

Segundo Momad (2001:24) citado por Massimaculo (2004) “Denomina-se vogal final ao morfema que ocorre na posição final de uma forma verbal no infinitivo.” Ngunga (2004:152) refere que, “em línguas bantu, não há vogal temática, o que existe é uma vogal final invariável, no infinitivo de todos os verbos”.

### **A Reduplicação**

A reduplicação é “um processo de repetição de uma parte ou de todo o tema” Ngunga (2004:181). E em conformidade com Spencer (1991:150) a reduplicação verbal é “um processo de repetição de toda a palavra, de todo o morfema ou sequência de sílabas, ou simplesmente consoante e uma vogal, sem formar qualquer constituinte prosódico”. Que pode ocorrer em todas as categorias e posições morfológicas ( Bauer 1988, Spencer 1991) citados por Ngunga (2004).

A reduplicação decorre não somente nas línguas bantu como em Xichangana, Nsenga, Yao, Gitonga, Cicopi, etc. Mas também em outras línguas como em Agta, Yidin, Madurese e Tagalog, faladas fundamentalmente no extremo oriente, em algumas línguas Europeias, tal é o caso do Latim em que o morfema que se repete

exprime marca de tempo e em Turco para exprimir tamanho (aumentativo) em nomes (Ngunga:2004).

A reduplicação pode exprimir o frequentativo ou diminutivo. O frequentativo “denota que a acção é feita repetidamente, ocorre em Swahili e Lamba e o diminutivo denota a diminuição da acção ou redução da intensidade, e ocorre nas línguas Zulu e Swahili” Abdulaziz Lodhi (2002:8)

De acordo com Langa (2001) “nas diferentes línguas ou grupos de línguas do mundo a reduplicação pode exprimir Iteração, Frequência, Repetição ( Changana, Copi, Koti, Mahkuwa, Chuwabo, Nyungwe, Nsenga, etc); Número (forma do plural Kaingang); Força ( atenuação, intensidade em Tagalog).” Como se viu a reduplicação verbal na nossa língua em estudo (Nyungwe), é usada para exprimir a iteração, frequência e repetição.

### **Tipos de Reduplicação**

Vários autores sustentam que o fenómeno linguístico designado reduplicação, pode se classificar em Parcial e Total ou Completa. Vejamos cada tipo de reduplicação.

#### **Reduplicação Parcial**

Segundo Matthews (1974) diz haver reduplicação parcial quando “ uma parte da base é reduplicada ou repetida, ou seja quando o reduplicante é prefixado, infixado ou sufixado ao reduplicante conforme se encontre à esquerda, no meio ou à direita da



raiz verbal .” Posição também apresentada por Ngunga (2004). Ainda Ngunga (ibid) acrescenta que nas línguas bantu, os verbos parcialmente reduplicados constituem unidades lexicais autótomos em que somente uma sílaba é copiada. Vejamos os exemplos abaixo.

- <u>b</u> ebesa	‘ segredar repetidamente’
- <u>f</u> afanidza	‘ apagar os sinais, as pegadas repetidamente’
- <u>p</u> fuula	‘ gritar muito repetidamente’

A parte sublinhada é da nossa autoria e pretende destacar a parte parcialmente reduplicada.

Do ponto de vista semântico, “ as reduplicações parciais indicam micro-repetições da acção ou evento a nível interno do tema verbal.

### **Reduplicação Total ou Completa**

A Reduplicação é total ou completa “ quando todo o morfema é reduplicado” (Jensen 1990:68) e de acordo com Ngunga (1998:2) a reduplicação total é “um processo morfológico em que o reduplicante e a base são idênticos ( a nível segmental”. Vejamos os exemplos.

-kumbiza-kumbiza	‘ emprestar repetidamente’
------------------	----------------------------

-kumbuka-kumbuka ‘ pensar, recordar, supor repetidamente’

-kunda-kunda ‘ tomar pela força, vencer

repetidamente’

Estes exemplos acima, confirmam que na reduplicação total há uma cópia do reduplicado pelo reduplicante, para exprimir a frequência da acção expressa pelo verbo.

### 1. A Reduplicação Verbal de radicais de estrutura do tipo –C- na língua Nyungwe.

Antes de mais importa-nos conceitualizar os termos reduplicação e Radical que talvez quanto a nós pode criar uma nuvem nas mentes dos nossos sisudos leitores.

A Reduplicação verbal é um processo de repetição de todo o morfema ou sequência de sílabas, ou simplesmente consoante e uma vogal sem formar qualquer constituinte prosódico (Spencer 1991:150). De referir que existem dois tipos de reduplicação, a reduplicação total e parcial. Ex: **Kufamba-famba** e **Kupepeta** respectivamente.

Neste trabalho falaremos visceralmente da reduplicação total, visto que, a estrutura – C- pertence a esta reduplicação.

Radical é o núcleo desprovido de afixos flexionais, ou seja, é o constituinte da palavra que contém o significado lexical e não inclui afixos de flexão, mas pode incluir afixos derivacionais. Viagem (2008: 26).

Antes de mais realçar que os radicais do tipo –C- são aqueles radicais constituídos apenas por uma consoante ou consoante e uma semi-vogal. Em todas as línguas naturais e do grupo bantu em especial não formam nenhuma sílaba. Estes radicais exibem diferentes tipos de comportamentos nas diferentes línguas, assim veremos como estes radicais se comportam na língua Nyungwe.

- 1 a) –b- “roubar”
- b) –dy- “Comer”
- c) –gw- “Cair”
- d) –bv- “ouvir”

Os exemplos representados a cima ilustram que os radicais foram desprovidos de afixos ou seja em 1 a) o verbo é **Kuba** onde o **Ku-** é a marca do infinitivo e –a é vogal final no infinitivo; e na alínea b) o verbo é **kudya** onde o **Ku-** é marca do infinitivo e –a vogal final no infinitivo. O mesmo se sucede em c) e d), onde os verbos são kugwa e kubva.

Tal como ocorre a reduplicação total nas línguas naturais, assim como ilustramos em kufamba-famba; kuthawa-thawa o que quer dizer andar repetidamente e correr repetidamente, era de esperar que os radicais em 1. se reduplicassem da seguinte maneira.

2. \*Kuba-ba
- \*Kudya-dya
- \*Kugwa-gwa
- \*Kubva-bva

Quando se segue esta ordem de reduplicação tal como acontece em kufamba-famba etc, estes radicais de estrutura –C- resultam na agramaticalidade ou seja, tornam-se palavras erradas e inexistentes na língua. Assim para superar tal problema da agramaticalidade a morfologia da língua Nyungwe socorre-se à regra fonológica que consiste na inserção de uma vogal entre o reduplicado e o reduplicante, tal como os exemplos abaixo ilustram.

3. Kubaaba “roubar repetidamente”  
 Kudyaadya “comer repetidamente”  
 Kugwaagwa “Cair repetidamente”  
 Kubvaabva “Ouvir repetidamente”

Com a inserção da vogal **-a-** torna-se possível fazer a reduplicação, resultando na gramaticalidade das reduplicações e quanto à semântica destes tipos de verbos de estrutura **-C-** nota-se que transmitem-nos a ideia de repetição do acto ou acontecimento.

## 2. A Reduplicação parcial

A reduplicação é parcial quando apenas uma parte do morfema é reduplicado ou por outra quando o reduplicante é prefixado, infixado ou sufixado ao reduplicado. Jensen (1990). Observe-se os seguintes exemplos.

- |    |    |                     |                                |
|----|----|---------------------|--------------------------------|
| 1) | a. | <b>-fafanidza</b>   | ‘apagar os sinais, as pegadas’ |
|    |    | <b>-pswepswenga</b> | ‘beber pombe e fartar-se       |
|    | b. | <b>-tserereka</b>   | ‘escorregar’                   |
|    |    | <b>-psololodza</b>  | ‘chupar o cigarro’             |
|    | c. | <b>-gonana</b>      | ‘dormir-se mutuamente’         |
|    |    | <b>-yangalala</b>   | ‘flutuar’                      |

Como se vê nos exemplos apresentados em (1), faz-se a reduplicação parcial, visto que, apenas uma parte do morfema é reduplicado.

De acordo com Mathews (1974) citado por Ngunga (2004:188) diz haver reduplicação parcial quando uma parte da base é repetida. Spencer 1991, diz que pode ser reduplicada toda sílaba ou sequência de sílaba ou ainda simplesmente uma consoante ou uma vogal. Portanto, em 1 a), a reduplicação que ocorre é do tipo prefixação, onde são reduplicadas as primeiras sílabas; em 1 b), ocorre a infixação onde a sílaba reduplicada está no interior do verbo; e em 1 c), temos a sufixação, em que a sílaba reduplicada está na parte final do verbo.

Na língua nyungwe, este último tipo de reduplicação parcial representado em 1 c) não é vulgar, ocorre com menor frequência.

Tal como acontece em Xangana com os verbos –phephera, mbombomera e Chope em –bhwabhwata e em algumas línguas de origem bantu em geral, também na língua nyungwe “existem as formas parcialmente reduplicadas que indicam micro repetições da acção ou evento a nível interno do tema verbal” ( Ngunga 2004:189). Assim, a acção ou evento que externamente parece ser um evento único, internamente constitui um conjunto de repetições. Observemos os exemplos.

- (2) -pepeta ‘peneirar’  
-bwebweta ‘ falar sem sentido, durante o sono’  
-n`ghun`ghudzika ‘ falar sozinho lamentando, resmungar, murmurar’

Estes verbos na língua significam peneirar; falar sem sentido durante o sono e falar sozinho lamentando, resmungar, murmurar, não constituem acções únicas de soltar a voz e expressar-se mas sim acções que se repetem umas a seguir as outras. Constituindo desta feita um exercício contínuo de fala. O acto de peneirar também constitui um exercício repetitivo de acções e não apenas uma e única acção.

Contrariamente ao que vimos nos exemplos sobre a reduplicação de estruturas do tipo -C-, sobre os temas totalmente reduplicados; os temas parcialmente reduplicados aceitam a re-reduplicação sem provocar a agramaticalidade dos mesmos e muito menos constituir estranhezas na língua. Observem-se os exemplos que se seguem:

- |     |                      |  |
|-----|----------------------|--|
| (3) | -bebesa-bebesa       | ‘segredar repetidamente’                     |
|     | -fafanidza-fafanidza | ‘apagar os sinais, as pegadas repetidamente’ |
|     | -pfuula-pfuula       | ‘gritar muito repetidamente’                 |
|     | -tserereka-tserereka | ‘escorregar repetidamente’                   |
|     | -gonana-gonana       | ‘dormir-se repetidamente’                    |
|     | -yangalala-yangalal  | ‘flutuar repetidamente’                      |

A gramaticalidade destes temas verbais parcialmente reduplicados prova que os mesmos são constituintes lexicais que devem ser considerados como todos os outros constituintes com as mesmas restrições morfológicas que as dos verbos.

### Conclusão

Em relação as raízes verbais de estrutura do tipo –C- verificamos que aceitam a reduplicação total mas para tal é necessário que se insira uma vogal (-a) entre o reduplicante e o reduplicado.

Ao longo do nosso estudo constatámos que alguns verbos pertencentes a estrutura – C- não aceitam ser reduplicados, mesmo quando se insere a vogal –a entre o reduplicante e o reduplicado. Isto deve-se ao facto de serem verbos defectivos. Portanto, os verbos defectivos e pertencentes a estrutura acima referidas nesta língua não aceitam ser reduplicados.

Assim, ao nível morfológico confirma-se que os temas parcialmente reduplicados apresentam uma estrutura morfológica complexa em termos do posicionamento do seu reduplicante que a estrutura dos temas totalmente reduplicados. Os temas parcialmente reduplicados aceitam ser re-reduplicados.

### Bibliografia

**ABDALAZIZ, L** (2002) “ Verbal Extensions in Bantu” In *Goteborg Working Papers On Asia & African Languages and Literatures*. Goteborg University, Sweeden.

**BAUER, L** (1988) *Introducing Linguistic Morphology*, Edimburgh University Press.

**KATAMBA, F** (1993), *Morphology, Modern Linguistic*, St. Martins press, New York

**LUFT, C.P.**(1986). *Novo Manual de Português*. Porto Alegre- Rio de janeiro: Editora Globo.

**MASSIMACULO, P.A** (2004) *A Reduplicação Verbal em Eshirima*. Tese de Licenciatura. Universidade Eduardo Mondlane. Faculdade de letras. Maputo.

**MATTHEWS, P.H.** (1974). *Morphology; An Introduction to the Theory of Word-Structure*. Cambridge: CUP.

**Ngunga, Armindo** (2004) *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária. UEM

**Sitoe, Bento; Ngunga, Armindo** (2000) *Relatório do Segundo Seminário Sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas*. Maputo: Nelimo.

**Spencer, Andrew** (1991) *Morphological Theory: In Introduction to Word Structure in Generative Grammar*. Basil Black well.

**Viagem, Leonildo** (2008) *A Reduplicação Verbal na Língua Nyungwe*. Tese de licenciatura. UEM, Faculdade de Letras ( Não Publicada)